

# A OCORRÊNCIA DE PARENTETIZAÇÕES NO INTERIOR DE FRASES COMPLEXAS DO PORTUGUÊS COLOQUIAL FALADO

*Leilane Morais Oliveira* (UFV)

[leilanemorais@hotmail.com](mailto:leilanemorais@hotmail.com)

*Wânia Terezinha Ladeira* (UFV)

[wania.ladeira@ufv.br](mailto:wania.ladeira@ufv.br)

## 1. Introdução

Como se sabe, a partir da década de 60, muitos linguistas, em contradição aos pressupostos estruturalistas postulados por Ferdinand de Saussure, passaram a se dedicar ao estudo da fala em interação: considerando a linguagem como histórica e social e prendendo-se à análise dos mais variados aspectos que envolvem e influenciam as atividades interacionais de linguagem.

A partir desses estudos, então, chegou-se à conclusão de que a linguagem, em muitas ocasiões, se autorreferencia (atualizando-se através de menções a dados anteriormente dispostos na enunciação) e viu-se que isso ocorre através de variados mecanismos que agem em nível macro e microestrutural; o que quer dizer que tanto as unidades menores (como os signos), quanto as maiores (como o discurso) são metadiscursivos.

Sendo assim, em consonância com a noção de metadiscursividade, surge a ideia de tópico discursivo, enquanto articulador referencial de uma instância de enunciação, isto é, como o assunto que está em pauta numa conversa em determinado contexto.

Durante a interação, os falantes podem, por sua vez, manter, complementar, esclarecer e/ou mudar de um tópico discursivo para outro, o que se dá através de mecanismos (auto e heterocondicionados) como: repetição, paráfrase, correção, parentetização, etc.

Desse modo, no limite entre a manutenção dos tópicos discursivos e a necessidade de complementá-los e/ou esclarecê-los, é que as parentetizações ocorrem. Jubran (2006, p. 303, 304) diz que os “parênteses [são] modalidades de inserção definidas como breves

desvios de um tópico discursivo, que não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorrem (...) e se constituem como informações paralelas ao tópico discursivo em curso”, o que ocorre tanto pela necessidade de complementar e/ou de esclarecer tópicos, com também para atender às expectativas pragmáticas do interlocutor.

Em relação ao estudo desse fenômeno, Clélia Jubran (2006) diz que cinco categorias formais podem ser consideradas para análise: *marcadores discursivos, sintagmas nominais, frases simples, frases complexas e pares adjacentes*.

Nesse trabalho, porém, analisar-se-á e as funções comunicativas de parênteses que ocorreram somente no interior de frases complexas constituintes um *corpus* falado, por catadores de materiais recicláveis, recolhido<sup>1</sup> por Oliveira (2007), na cidade de Ipatinga - Minas Gerais.

## 2. A aparição parentética em frases complexas

Os fatos parentéticos, como já foi dito, podem ocorrer de forma autocondicionada (*quando a iniciativa do encaixamento no tema parte do próprio falante*) ou heterocondicionada (*quando o falante é levado a fazer encaixe, a partir de uma solicitação do interlocutor*). (KOCK et alii,1991)

Nessa análise, porém, só consideraremos os exemplos de inserções autocondicionadas, ocorridas em frases de caráter complexo cujas orações sejam justapostas ou ligadas por elos sintáticos e/ou por marcadores discursivos. Em virtude de essas ocorrências serem uma constante no *corpus* analisado, mas também por considerarmos

---

<sup>1</sup> O método de coleta de dados aqui utilizado baseia-se no diálogo entre informante e documentador. Tal método é chamado de entrevista semiestruturada e diz respeito, segundo Boni e Quaresma (2005), a uma espécie de conversa informal, pois o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto e o pesquisador deve seguir um conjunto de questões que, embora previamente definidas, se dão em um contexto muito semelhante ao da fala, em virtude de os sujeitos entrevistados não possuírem, entre o intervalo de uma pergunta e outro, tempo para reflexões e planejamentos linguísticos.

que, da proximidade entre as frases, é possível depreender relações de sentido instituídas entre elas.

Em nosso *corpus*, num contexto em que a entrevistadora (que chamaremos de L1) pergunta à informante (L2) o que ela pensava do fato de seu filho ficar sozinho em casa enquanto ela trabalhava caçando resíduos de lixo, tem-se:

(1) L1 E você deixa ele sozinho depois que ele chega da escola,

[

( )

.. você num acha ruim não?

L2 Ha,eu acho, mas fazê o que né?

[

= E tem que trabalhá né?

tem que tratá dele...**por que ele estuda né? igual, ele chega cinco seis, seis hora né? e fazê devê, outro dia teve que fazê trabalho na escola de novo.. então não tem nem prazo dele me ajudá né? e ele é preguiçoso também!** e eu acho melhor ele ficá quietim lá do que ficá na rua né?

No trecho em destaque, pode-se observar que ocorre uma quebra (um anacoluto) da frase em que L2 vinha processando o tópico discursivo introduzido por L2. Vê-se que através de uma sequência de enunciados justapostos, L2 abandona o tópico principal (“o filho ficar sozinho enquanto ela trabalhava”) para apresentar enunciados que explicam a rotina de seu filho e justificam a resposta que deu à interpelação de L1. Posteriormente, porém, o tópico discursivo é sintaticamente retomado, através do conectivo *e* que ata a frase que inicia à precedente ao parêntese.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Quanto a esse exemplo, faz-se necessário ressaltar que o parêntese nele destacado focaliza, de alguma maneira, o conteúdo tópico, o que implica no fato de também ser ele um exemplo da situação-limite, descrita por Jubran (2006, p. 328), para o reconhecimento de um segmento como parentético ou não, pois, sua relação com o tópico atenua a propriedade de desvio que particulariza o fenômeno.

Em outro exemplo, vemos que o tópico em pauta se refere à ajuda que a prefeitura de Ipatinga e o governo do Estado de Minas Gerais dispensam aos catadores de materiais recicláveis. Aqui, observa-se que, ao ser indagado sobre o que essas instancias de poder faziam para ajudá-lo, o falante (L2) diz:

- (2) L1 *cê acha que o governo, prefeitura, o LULA né? O o Aécio NEVES aí, os nossos governantes cê acha que eles têm ajudado os catadores em alguma coisa?*

L2 *eu da minha parte eu acho que eles ajuda muito **bem***

L1 *é? que que cê acha que eles já fizeram assim de bom que ajudou vocês?*

L2 *Ah! Quando (tem as reunião aí), eu num participo muito bem não né?*

*mas quando a Graça FALA, são todos que ajuda muito bem.*

L1 *hum hum*

L2 *no início, quando o Manuel, quando começou o Manoelzinho /motorista/ ele é muito bom sabe? mas só que o dinheiro não saía pra gente, depois que a Graça entrou aqui eu nunca fiquei sem receber. **eu gosto de recebê assim por mês (agora quando eu trabalho) um mês né? até de três em três mês, de quatro em quatro mês pra pode pagá as continha***

[

***pra podê comprá uma televisão pro meu menino, compras as coisa e pô pra ele que ele gosta né? eu faço muito os gosto do meu filho né? eu ajunto pra dá pra pagá as prestação..** então a Graça num deixa nada pra trás pra mim. E o Manoelzinho, todas vez que eu ia recebê era pelas metade.*

Nesse fragmento, constata-se que L2 não somente desvia-se do tópico discursivo referente aos governantes, mas também institui outro na medida em que passa a falar das diferenças existentes entre a coordenação de Graça e de Manoelzinho, seu ex-chefe. Vê-se que o parêntese se ocorre, então, dentro do novo tópico que é instituído por L2, pois, o foco-contexto desloca-se dos governantes para as necessidades do próprio falante (e de seu filho), a fim de que a insatisfação do falante em relação à coordenação de Manoelzinho e o contentamento deste para com Graça sejam justificados a L1.

Algumas marcas sintáticas demonstram que esse segmento é parentético, pois após a interrupção da frase tópica (“no início, quan-

do o Manuel, quando começou o Manoelzinho /motorista/ ele é muito bom sabe? mas só que o dinheiro não saía pra gente, depois que a Graça entrou aqui eu nunca fiquei sem receber”), a falante a retoma através de uma paráfrase e, além disso, faz uso do conectivo *então* que ata a oração suspensa à oração posterior ao parêntese.

Na transcrição a seguir, o tópico conversacional se refere ao tempo de duração do trabalho do informante como catador de resíduos sólidos:

(3) L1 t::em quanto tempo que você começou a trabalhar com a reciclagem?

L2 ih minha filha, delsd e que esses menino tava tudo piquinininho, eles tava tudo piquinininho **mas não existia aqui o - a associação amavale /ainda não/....e nos outro ferro veio... que eu trabalhei e fui lutando até...** elas crescer

No trecho em questão, vê-se que apesar de, no primeiro momento, o informante determinar o tempo com base no tamanho de seus filhos, logo depois, através de um parêntese, ele apresenta a inexistência da Amavale<sup>3</sup> como referência para a comprovação de que o tempo de exercício da sua profissão é realmente longo.

Aqui, constata-se que o anacoluto se manifesta através da utilização da conjunção opositora “mas” e que o conectivo *e* é o responsável pela retomada do tópico após o encaixe parentético (que igualmente ao exemplo 1 encontra-se semanticamente relacionado ao tópico discursivo, sendo, portanto, um exemplo da situação-limite para o reconhecimento dessa ocorrência como parentética).

O trecho a seguir é também muito interessante. Para responder à pergunta da documentadora (com respeito à reação das pessoas sobre o trabalho de recolher materiais recicláveis), o falante tece exemplificações que ratifiquem suas colocações. Isso se dá de tal forma que as orações vão sendo sintaticamente sobrepostas e a ocorrência de pausas entonacionais entre elas torna-se praticamente nula.

(4) L1 Aí como que o senhô, o senhor acha que as pessoas tão aí na r::ua a vizinhaNÇA o pessoal da ( ) como é que eles vêm seu trabalho? Eles mais te ajudam do que atrapalham?

L2 ah alguns entende como um.. um bão trabalho a gente chega

<sup>3</sup> Amavale é a Associação dos Catadores de Material Reciclável de Ipatinga (MG).

perto deles eles costuma dá as coisa a gente ali tem o Edinho da da (Mafra) ali memo... tem vez que ele me grita lá ele arranca dois, três reais do bolso e mim dá, mim dá... ás vez eu chego perto dele e pego pego dinheiro emprestado, e na hora que eu vô pagá num que recebê... ali também tem o - tem ali perto da Igreja da Graça, num tem uma relojoaria ali? eu vendo todos os relógio que eu acho, eu vendo pra eles lá, pra eles fazê trabalho, mas eu to falando (com você)... aproveitá as peça **mas é só relógio de primeira qualidade não num é trem ruim não, só coisa de cê BOTá bateria nele podê usá tranqüilo... éh tudo achado no Cariru, tudim, tudo bão.. toca-fitazim eu tenho outra pessoa que compra sapato veio tem outra pessoa que compra.. éh ajuda minha filha éh... cê já pensô se atrapaiasse eu num tava vivo mair não. **E eu gosto de todo mundo, eu tenho uma amiZADE, o que? só do Peixe Escurinho eu devo tê umas quinhentas pessoas que gostam de mim.. na hora que ês faz festa lá eles me chama eu eu num preciso levá dinheiro não.. só a boca e os dente.****

Aqui, o locutor deixa de lado o tópico discursivo (que diz respeito ao fato de as pessoas o ajudarem ou não na rua) e, através da conjunção adversativa “mas”, introduz segmentos parentéticos que buscam exemplificar e comprovar à documentadora o que ele vinha dizendo.

### 3. Conclusão

A análise da ocorrência de parentetizações, no interior de frases complexas do português coloquial falado por catadores de materiais recicláveis, permitiu constatar, através das falas descritas ao longo do trabalho, que a natureza não planejada do discurso oral faz com que o fluxo de informação seja, em muitas ocasiões, alterado por desestruturações sintáticas que se dão em virtude de exigências pragmáticas da interação entre os locutores e interlocutores.

Notou-se que marcas formais, muitas vezes, servem de auxílio para a percepção da interrupção e da retomada do tópico discursivo. Mas, viu-se também que a frequente ausência de elos sintáticos entre as orações ou a quebra da ordem canônica dos constituintes frasais quase não interferem na compreensão efetiva do discurso comunicado.

Além disso, a realidade comunicativa dos nossos dados evidenciou que falantes de baixo perfil socioeconômico e de pouco a-

cesso à escolaridade, como é o caso dos informantes de nosso *corpus*, também são eficientes no que tange à produção de textos falados.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português Culto Falado* no Brasil. Campinas: Unicamp. Vol. I, 2006, p. 301-357.

KOCK, I. G. V. et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado*. 2 ed. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1991.

LADEIRA, W. T. *Organização interacional e controle de tópico em audiências de conciliação*.

BONI, V., QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. In: *Revista Eletrônica dos Pós – graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2. n. 1 (3). p. 68-80, 2005. Disponível em: [http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf) . Acesso em: 25-11-2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Organização de sequências. In: \_\_\_\_\_. *Análise da Conversação*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 34-49.

OLIVEIRA, M. M. *Vulnerabilidade e exclusão social: uma abordagem sobre representações sociais de catadores de materiais recicláveis em Ipatinga – MG*. Disponível em: [http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=967](http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=967). Acesso em: 25-11-2008.